

MENSAGEM DE FÁTIMA E EVANGELHO DA VIDA

O tema do nosso simpósio é tirado de uma frase que Jesus diz de si mesmo “Eu vim para que tenham vida”, que o identifica na sua identidade e missão de Bom Pastor que dá vida nova, sanada, santa e salva em contraste com o ladrão que rouba, mata e destrói. Assim Jesus sintetiza e anuncia o Evangelho da vida.

Esta frase foi escolhida para expressar uma dimensão da mensagem de Fátima como portadora da mensagem de vida e de esperança que o próprio Jesus trouxe ao mundo e que sobressai no relato da quinta aparição.

A mensagem ecoou aqui em Fátima num momento e num contexto trágico da história em que o homem pôde “despoletar um ciclo de morte e de terror mas não consegue interrompe-lo” (Bento XVI), desembocando nas duas grandes guerras mundiais com os seus enormes e monstruosos genocídios, consequência de ideologias marcadas pelo desprezo absoluto da pessoa e da vida humanas.

Após a segunda guerra mundial, Albert Camus escrevia: “O enigma da Europa consiste em que ela não ama mais a vida”! Setenta e um anos depois, para surpresa nossa, estamos na presença de uma nova e tremenda cultura de morte ou “religião da morte”, na expressão de alguns referindo-se ao “Daesch”.

Há pouco, um chefe dos talibãs disse a um jornalista ocidental: “Os vossos jovens amam a vida; os nossos amam a morte”. Também no Ocidente atravessamos uma situação de viragem epocal onde se cruzam três crises gravíssimas – antropológico-cultural, ético-espiritual, socioeconómica e política global – que tem provocada uma cultura do desencanto, do vazio interior que leva à perda da confiança na vida e na bondade da vida; uma cultura de desconstrução de valores humanos e morais; uma cultura da indiferença e do descartável face aos mais frágeis. Neste ambiente cultural dominante, a vida humana cai na escala de valores até ao ponto de se pôr a liberdade do indivíduo contra a própria vida humana sujeita à lógica do mais capaz, mais são, mais forte e competitivo.

É neste contexto que ressoa a atualidade da mensagem de Fátima em que Nossa Senhora se manifesta como “advogada nossa”, advogada da vida humana, do seu sentido e do seu cuidado. Sublinharei três aspetos onde isto se evidencia.

1. *Em primeiro lugar, anunciando a misericórdia de Deus* como única força capaz de pôr limite à força do mal devastador da vida das pessoas e dos povos e, por conseguinte, como defensor da dignidade da pessoa e dos direitos humanos.

A misericórdia divina refulge no símbolo do Imaculado Coração da Mãe que “grita” pelo sofrimento dos filhos e lhes assegura a promessa do triunfo do amor nos dramas da história: “Por fim o meu Imaculado coração triunfará”.

É o amor – o ser amado e capaz de amar – que dá sentido à vida, que garante a confiança na vida e na bondade da vida. Joseph Ratzinger narra um episódio deveras ilustrativo: “Os prisioneiros de guerra que estiveram na Rússia durante dez anos, expostos ao frio e à fome, depois de regressarem, disseram: Pude sobreviver porque sabia que era esperado. Sabia que havia pessoas que me esperavam, sabia que eu era necessário e esperado”.

Este amor que os esperava foi a terapia e o remédio eficaz para os seus sofrimentos. À luz da fé, todos e cada um somos amados, esperados, necessários. O Senhor espera-nos. Não só nos espera, mas está presente e estende-nos a mão para viver a vida verdadeira e abundante em comunhão com o seu infinito amor. Que foi Fátima senão este estender a mão à humanidade através de Maria?

Neste sentido, o Papa Francisco salienta também *a importância central da família para construir a cultura da vida*: “Na família cultivam-se os primeiros hábitos de amor e cuidado da vida... aprende-se a pedir licença sem servilismo, a dizer ‘obrigado’ como expressão duma sentida avaliação das coisas que recebemos, a dominar a agressividade ou a ganância e a pedir desculpa quando fazemos algo de mal. Estes pequenos gestos de cortesia ajudam a construir uma cultura da vida compartilhada e do respeito pelo que nos rodeia” (LSì 213).

2. Outro aspeto da cultura da vida na mensagem de Fátima sobressai no *testemunho que os pastorinhos deram de ternura, de compaixão e de cuidado generoso em relação aos mais frágeis, vulneráveis, sofredores. Este testemunho é de pertinente atualidade para uma cultura do cuidado.*

Hoje vivemos um tempo pobre de amizade social. São inúmeras as vítimas da indiferença, da solidão, da marginalização, do abandono, da eutanásia social e cultural (antes da física), que nos interpelam particularmente como cristãos a ser guardiães da vida: acolher, proteger, guardar, cuidar e curar. Aqui se decide se somos uma sociedade verdadeiramente humana ou desumana.

Nesta linha, o Papa Francisco traça a missão da Igreja como “hospital de campanha” e “oásis de misericórdia” para cuidar dos feridos e curar as feridas.

“Abramos os nossos olhos para ver as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs privados da própria dignidade e sintamo-nos desafiados a escutar o seu grito... Que o seu grito se torne o nosso e juntos possamos romper a barreira da indiferença que frequentemente reina soberana para esconder a hipocrisia e o egoísmo”(MV 15).

As relações humanas calorosas de presença, de proximidade física e do coração, de atenção e solidariedade são uma questão de ecologia da vida humana no dizer do Papa Francisco: “Deste modo, qualquer lugar deixa de ser um inferno e torna-se contexto de uma vida digna”(LSi 148). É belo!

3. Finalmente, *a esperança na vida eterna, a boa nova do fim* é uma nota dominante da mensagem tanto ao nível individual como coletivo.

A advertência grave do “juízo” que paira sobre o mundo como possibilidade de autodestruição infernal, isto é, de acabar reduzido a cinzas, é anunciada juntamente com a esperança teologal da vitória sobre o mal e sobre a morte a partir da conversão dos corações a Deus e da reparação dos estragos do pecado. Por outro lado, é-nos dado ver como os pastorinhos compreenderam o céu da bondade e da beleza de Deus que o Anjo e Nossa Senhora lhes fizeram saborear como plenitude do amor de Deus que os fascinou. *De facto, esta vida humana, frágil e mortal, tem um futuro de plenitude definitiva em Deus porque é eterno o seu amor: ontem, hoje e amanhã, por toda a eternidade!*

Eis como a mensagem de Fátima faz ecoar o Evangelho da vida, ilumina o sentido e o caminho do homem peregrino(homo viator), nos convida a refletir sobre a vida humana nas três perspetivas escolhidas para este simpósio (vida recebida, celebrada e doada) e interpela a Igreja na sua missão ao serviço da plenitude da vida.

António Marto, Bispo de Leiria-Fátima